

Imagine uma sala com **mais de 400 deputados**. Agora imagine que cada um deles recebe cerca de **R\$ 46 mil por mês** de salário bruto. Quando juntamos tudo, estamos falando de algo em torno de **R\$ 20,5 milhões por mês**. É dinheiro suficiente para fazer qualquer calculadora pedir um intervalo para respirar.

Agora entra a parte interessante.

Se, em um exercício hipotético, cada deputado decidisse doar **metade do salário**, ainda ficaria com cerca de **R\$ 23 mil no mês** e, somando a metade de todos, teríamos algo próximo de **R\$ 10,3 milhões** disponíveis.

E o que isso significa na prática?

Se pensarmos no botijão de gás de 13 kg, que muitas famílias usam todos os dias para cozinhar, e imaginarmos um preço médio de R\$ 100, esse valor poderia comprar mais de **100 mil botijões**. Sim, mais de cem mil. É como se uma pequena cidade inteira pudesse cozinhar tranquila por um bom tempo.

Os números têm esse aspecto curioso: quando estão isolados, parecem apenas cifras. Mas quando a gente traduz para algo prático, como gás de cozinha, algo que está na rotina de quase todo brasileiro, eles ganham outra dimensão. Deixam de ser milhões abstratos e viram feijão no fogo, arroz na panela, café passado de manhã.

A matemática, às vezes, parece apenas números em um pedaço de papel. Mas quando aplicada ao cotidiano, ela revela algo quase filosófico: grandes quantias são feitas de pequenas partes repetidas muitas vezes. E decisões coletivas, mesmo simples, podem gerar resultados igualmente importantes.

Quando olhamos para aqueles mais de **R\$ 20 milhões somados em salários mensais** e imaginamos metade disso se transformando em mais de **100 mil botijões de gás**, percebemos como os números deixam de ser apenas matemática e passam a ser resultados verdadeiros: panelas no fogo, cozinhas funcionando, famílias respirando um pouco mais aliviadas no fim do mês.

E, no fundo, quem votou contra e quem votou a favor torna-se quase um detalhe secundário dentro desse exercício numérico. Se alguém votou contra, talvez não veja prioridade nesse tipo de iniciativa. Se alguém votou a favor, ainda assim poderia, em tese, ampliar o impacto com um gesto voluntário, como a doação de parte do próprio salário, algo que, matematicamente, multiplicaria botijões e, simbolicamente, reduziria gastos públicos ao mesmo tempo.

A reflexão aqui não é sobre apontar dedos, mas sobre perceber possibilidades. Quando muitos contribuem um pouco, o resultado pode ser grande.

Se ampliarmos ainda mais essa reflexão, chegamos a uma pergunta bem humana — e talvez um pouco desconfortável: se nós ganhássemos mais de **R\$ 40 mil por mês**, teríamos a coragem de doar ao menos o valor de um único botijão de gás para alguém que precisa? Ou encontrariámos alguma justificativa elegante para dizer que “não dá”, que “o momento não é ideal”, que “também temos nossas despesas”?

Um botijão, perto de um salário desse porte, representa uma fração pequena. Em termos matemáticos, quase um detalhe. Em termos práticos, para quem recebe, pode significar refeições garantidas por semanas. É curioso como, dependendo do ângulo, o mesmo valor pode parecer insignificante ou essencial.

E talvez a conclusão mais bonita dessa conta toda seja a mais simples: **não precisamos esperar virar deputados para ajudar alguém**. Não é preciso ganhar R\$ 40 mil por mês para fazer diferença. A matemática das grandes cifras impressiona, claro. Mas a matemática do cotidiano também funciona, e às vezes é até mais poderosa. Porque quando muitas pessoas fazem pequenos gestos, o resultado também cresce.

Não precisa ser um botijão de gás. Pode ser um pacote de feijão. Um pacote de café. Um saco de pão. Um pacote de bolacha recheada. Um iogurte. Às vezes, aquilo que para nós é apenas um item a mais no carrinho, para alguém pode significar motivo de festejar naquele dia.

A ajuda não precisa ser grandiosa para ser verdadeira. Ela precisa ser possível. E quase sempre, dentro das nossas condições, sejam elas grandes, médias ou pequenas, existe algum espaço para dividir e compartilhar, é matemática simples, nada de cálculo diferencial. No fim, a reflexão deixa de ser sobre salários altos e passa a ser sobre disposição. Porque solidariedade não depende de cargo público. Depende de escolha. E quando cada um faz um pouco, o pouco deixa de ser pouco.